

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

*Michel'angelo Lambertini*

LISBOA

29, Rua das Gaveas, 31

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

*Ernesto Vieira*

SUMMARIO — A musica portugueza nos seculos XVI e XVII — Notas vagas — Concertos — José Henri-que dos Santos — Vianna da Motta e os pianos de Bechstein — Novos jornaes musicaes — Noticiario.

## Musica portugueza nos seculos XVI e XVII

(Continuação)

As obras de frei Manuel Cardoso têm um interesse historico de primeira ordem: encontra-se n'ellas o estylo polyphonicó trabalhado com absoluta sciencia technica, praticada naturalmente, sem os excessos de ostentação communs aos contrapontistas oriundos da escola flamenga; reconhece-se n'ellas, bem evidente, a influencia benefica da reforma palestriniana. Como Duarte Lobo e Rodrigues Coelho, Cardoso foi um grande musico da sua época e merece logar distincto na historia geral da musica. Além d'isso foi um dos bons continuadores de Palestrina e esta circumstancia maior realce lhe dá.

A proposito d'este compositor, coevo de D. João IV e muito da sua affeição, vem recordar o que existe de musica composta pelo restaurador de Portugal.

Authentico, póde unicamente reputar-se o motete «Adjuva nos», inserto n'um antigo livro do côro existente na Sé de Lisboa, motete que já tem sido publicado e ainda hoje se canta na cathedral.

Tem sido modernamente publicado lá fóra outro motete — «Crux fidelis» — cuja composição se attribue ao nosso rei, mas ignoro com que fundamento. Demais, esse motete foi de tal modo transformado para o adaptarem ao gosto moderno vulgar, que mal se reconhece n'elle uma producção do seculo XVII.

Tambem a tradição attribue a D. João IV os textos da «Paixão» que geralmente se cantam nas egrejas de Lisboa, no domingo de ramos e na sexta feira santa. E' realmente musica da época attribuida, mas não ha prova indubitavel sobre o seu auctor.

João Lourenço—ou João Soares—Rebello, o condiscipulo quasi mestre e amigo de infancia de João IV, compoz muita musica, e o seu real amigo mandou imprimir em Roma uma collecção das suas obras. Mas desgraçadamente, graças ao vandalismo que desbaratou as bibliothecas conventuaes depois de 1834, creio que não existe no nosso paiz um só exemplar completo d'essas obras. Foram impressas em partes separadas, e como algumas d'ellas são a dezeseis vozes segue-se que deveriam constar de dezeseite volumes (comprehendida a parte do «guião» ou baixo acompanhante); na Bibliotheca Nacional de Lisboa existem apenas quatro volumes contendo as quatro vozes do segundo côro. Ainda assim pude extrahir d'esses quatro volumes parte de um «Miserere», unico trecho escripto só para o segundo côro. Possuo tambem um pequeno «Asperges» a quatro vozes, que ainda hoje se canta de quando em quando na Sé. Eis tudo quanto conheço—salvo alguma futura descoberta—do predilecto amigo de D. João IV.

De um continuador dos bons compositores precedentemente citados—o mestre de capella da cathedral de Evora, Diogo Dias Melgaço—tambem algumas reliquias poderei citar, arrancando-as ao abandono em que tudo o mais se tem perdido.

No cartorio da Sé onde elle foi mestre ha um livro de estante contendo missas, graduaes e offertorios para o tempo quaresmal. Muitas outras composições lá existiam em 1819, segundo me affirma um inventario que possuo feito n'aquelle anno, mas não pude verificar se ainda existem. Na Sé de Lisboa ha dez motetes, uma «Salve Regina» e uma sequencia, sendo esta ultima a oito vozes e as restantes composições a quatro. Emfim na Bibliotheca de Evora ha tres villancicos, infelizmente incompletos.

As obras de Melgaço, que falleceu em 1700, são muito bem escriptas no estylo palestriniano; offerecem o especial interesse de nos mostrarem o progresso da harmonia e a tendencia já muito pronunciada para a

tonalidade moderna, apresentando com frequencia o genero chromatico e o accorde de setima dominante sem preparação.

Outro compositor dos fins do século XVII bom ainda e tido em grande apreço na sua época, mas imperfeito e denotando decadencia na pureza do estylo polyphonic, foi o poeta musico Antonio Marques Lesbio, um dos mais influentes membros da «Academia dos Singulares». Restam-nos das suas composições — que Barbosa Machado disse terem sido tantas que não era facil contal-as — dezeseis villancicos que se guardam, entre outros de differentes auctores, na Bibliotheca de Evora. São curiosissimos exemplares do genero. Um a cinco vezes, para a festa do Natal, será brevemente ouvido pelo nosso publico, que terá a satisfação de pela primeira vez apreciar musica dos nossos avoengos.

Terminarei este, infelizmente pequenissimo inventario, mencionando mais algumas composições minhas conhecidas, produzidas por musicos portuguezes que viveram nos fins do seculo XVII e principios do seculo XVIII.

De frei Manuel Pousão (1617-1683), um villancico incompleto (na Bibliotheca de Evora).

De Pedro Vaz Rego (1670-1736), dois villancicos completos e um maço com outros truncados (Bibliotheca de Evora); uma missa e alguns psalms (Sé de Evora).

De frei Manuel dos Santos (1686-1737), dois villancicos, sendo um d'elles incompleto (Bibliotheca de Evora).

De André da Costa, duas cantatas para uma só voz com acompanhamento de baixo cifrado, sendo uma d'ellas para celebrar o casamento de D. João V com D. Maria Anna de Austria (1708).

E mais não sei.

E' pouquissimo, não ha duvida. São apenas mesquinhos resquícios de abundante riqueza, pois que a musica no nosso paiz teve um período florescentissimo na época a que este pobre inventario se refere.

Mas esta pobreza já offerece base para seguro estudo historico. Além d'isso, os nossos compositores de hoje encontrarão já aqui elementos para se refazerem no estylo dos seus antepassados compatriotas; poderão assim seguir a orientação actual de «voltar ao antigo», segundo a phrase de Verdi, e ao mesmo tempo adquirirão um certo cunho de nacionalidade que muito nos tem faltado.

Oxalá outras utilidades ainda se possam colher das minhas obscuras diligencias, que ha tanto tempo duram.

ERNESTO VIEIRA.



## NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XXXVIII

De Lisboa

Não está v. ex.<sup>a</sup> de accordo com a minha opinião ácerca da superioridade da Hespanha sobre nós, e muito finamente me adverte de que baralho os termos do problema.

Assim me lembra que, em geral, nós somos mais comprehensivos e mais flexiveis, menos estreitos e menos obcecados, nada significando para a resultante geral, que aqui e ali certas camadas de *nuestros hermanos* hajam, antes de nós, attingido outro grau de civilisação e de cultura, e que determinadas manifestações materiaes de bem estar e de progresso apparentemente denotem melhora da nação e do seu povo.

E' isto, creio eu, o que me oppõe, e Deus me livre, boa amiga, de contestar a verdade de taes reparos; mas, convem não esquecer que precisamente na qualidade das referidas manifestações materiaes d'esse progresso e na fórma como ellas procuram formar e dirigir a massa popular e a consciencia nacional é que eu puz a razão de ser do meu asserto.

Não, eu não desconheço que nós somos intellectualmente mais ducteis e psychicamente menos violentos que os filhos da velha Hespanha intransigente e brava, mas igualmente me não esqueço que se é sem duvida um mal levar certas qualidades até ao extremo de se volverem em defeitos, mal identico, se não peor, é querer á força crystallisar em qualidades aquillo mesmo a que a experiencia e o bom senso chamam defeitos...

Ora não lhe parece — aqui muito á boa paz — que tratando-se d'esta peninsula encantadora e viva, se para uma banda um senão avulta para a outra, na melhor hypothese tal senão apenas mudou de nome?

Por mim, veja, minha senhora, em que excessos de estrangeirismo já me afundo, a propender para algum dos dois senões, antes escolheria — o que achaca a Hespanha. Ter o defeito de uma qualidade, sempre no fundo envolve a idéa consoladora, de que a qualidade existe — até em demasia, pelo que facil será repol-a em termos; mas querer com aquelle produzir esta, lá se me affigura algo difficil — para não dizer impossivel.

Sim, concordo comsigo, os nossos visinhos ainda em sua maioria são arrebatados

e fanaticos, intolerantes e retrogrados, mas graças a algumas d'essas violentas manchas do seu temperamento e do seu character, elles são simultaneamente dos poucos povos do mundo que n'este momento mais individualidade conservam e maior energia possuem.

Ainda hoje existe uma musica hespanhola, uma pintura hespanhola, uma litteratura e uma arte hespanholas, e n'aquelles ramos em que os filhos do Cid teem reconhecido a sua inferioridade manifesta, nobremente, corajosamente, a vão vencendo, e é assim que em sciencia já nomes como o de Ramon y Cajal começam a afflorar para fóra das suas fronteiras...

Nós, querida amiga, nós o que tentamos collectivamente para conseguir o mesmo?

N'este momento em que lhe escrevo um grande nome, symbolo perfeito de todas as reaes virtudes que um momento distinguiram a nossa raça, e que eu deveras acredito existirem ainda latentes no substratum das nossas almas, aqui e ali transparecendo ás vezes, e dando por instantes immortaes clarões;— um d'esses colossaes espiritos que pela terra passam e n'ella deixam um sulco de divina luz: Gil Vicente, emfim, coração tecido de bondade, genio exuberante de alegria, com uma percorrendo incolume toda a intriga e desarmando todas as resistencias, com outra esparzindo em volta de si a saude, a felicidade, o bem estar, e vencendo todas as malquerenças; Gil Vicente, fóra do restricto circulo dos iniciados, mal conseguiu aquer o enthusiasmo publico, despertar o sentimento popular, não porque um e outro não existam, mas porque nunca ninguem os poz em convivio com esse venerando patriarcha da graça portugueza, e só agora alguns jornaes d'elle se occuparam.

E isto boa amiga é que já não succede precisamente n'essa Hespanha atrasada e inculta, com respeito aos seus grandes vultos, o que levava o grande escriptor Ramalho Ortigão a dizer-me ainda hontem em alguns minutos de inolvidavel palestra que nenhum miseravel *pillo* de terras de Hespanha ignora quem fosse Cervantes ou Espronceda ao passo que alguns dos nossos appellidados *pennachos* talvez nunca lessem Camões e quanto a Gil Vicente só ha dias souberam que existira...

E' triste, mas é verdadeiro, e de tal vergonha todos nós somos culpados.— os que governam a nau, e os que n'ella seguem, muitos que estão em cima e varios que estão de baixo, e especialmente os que manejam uma penna, que d'ella mais se teem

servido para perturbar do que para instruir, para descompor do que para esclarecer...

E no emtanto, ainda hoje mesmo, se sentiu bem claramente do que seria capaz este povo, se aquelles a quem compete dirigil-o, cumulativamente scubessem e se propoosessem educal-o pela belleza e pela verdade para a justiça e para a concordia...

Mas que quer? para isso seria mister *pe-lotocar* menos e *pensar* mais, e n'esse ponto ainda nem todos chegámos a accordo...

AFFONSO VARGAS.

## CONCERTOS

Entre as festas que compunham o programma da elevada commemoração a Almeida Garrett, realisadas no Porto nos ultimos dias de maio, avulta como das mais grandiosas a sessão musical do dia 30, cujo programma, muito longo e consideravel, se dividia em trez partes. Cada uma d'estas abria por um trecho para banda militar, originaes de Alfredo Keil, Luiz Costa e Augusto Machado, respectivamente.

Houve na primeira parte a execução de *Les grands violons de Luis XIV*, de Massenet, confiada a doze violinistas, que produziu grande effeito; na segunda um madrigal de Simonetti, pelos mesmos doze violinos, e na ultima a *serenata* de Cyriaco de Cardoso, para quatro violinos.

Os restantes numeros compozeram-se de duettos para 2 violinos, ou 2 pianos, trechos de violino, e peças de canto, salientando-se entre estas o soberbo duo de *Maria Padilha*, de Donizetti, para soprano e contralto, e duas melodias de Vianna da Motta, escriptas sobre as formosissimas poesias de Garrett «Olhos negros» e «A Estrella», a primeira para voz de contralto e a ultima para soprano.

Nas trez partes do programma contavam-se dezeseis numeros, sendo — já pelo valor intrinseco, já pelos meritos dos executantes — este concerto um acontecimento musical de importancia muito consideravel e digno de registro.

\*

No dia 31 de maio continuaram e ultimaram-se os exercicios annuaes de alumnos da Real Academia de Amadores de Musica.

N'esta segunda sessão fizeram-se ouvir alguns dos discipulos de mais elevada cotação artistica, taes como D. Luiza Campos

na *fantasia appassionata*, de Vieuxtemps, Carlos Sá no *Souvenir d'Haydn*, de Leonard, e Mauricio Costa no *andantino e polonaise* de concerto, de Dancla.

Todos estes alumnos eram dos cursos superiores de violino, e não foi sem pezar que constatámos n'este anno a falta de concurso do joven e talentoso violinista Avelino Joyce, um dos mais distinctos e talentosos, innegavelmente.

Entre as provas publicas de piano não temos tanto que distinguir, pois que em boa razão não se nos revelou nenhuma aptidão digna de particular nota. Tambem nos não fez grande nem pequena impressão o estudo de concerto para dois violinos, de Monasterio, tocado por todos os alumnos dos 4.º e 5.º annos e curso superior de violino.

Sem embargo dos reparos que ficam feitos, não podemos nem devemos desconhecer os serviços prestados á musica pela Real Academia, e o seu influxo na educação musical das novas gerações, que se accentua já em sufficiente proporção. Sem ella, é certo que algo de menos se teria alcançado, e portanto a sua acção não foi nem inutil, nem desaproveitada.

B.

\*

Dissemos no numero passado, publicando o programma do 8.º concerto da Escola de musica de camara, que a escolha d'elle era insuperavel, e não nos foi preciso invadir os dominios dos *Bandarras* para avançar tal proposição!

Com effeito cremos que jámais nos foi dado assistir á audição d'um tal programma, verdadeiro *tour-de-force* de selecção, e conjunctamente á mais surprehendente e excepcional execução que o mesmo obteve, por parte de todos os participantes.

O primeiro numero — o quintetto op. 16, de Beethoven, para piano e instrumentos de sopro — comquanto já ouvido n'algumas sessões da Escola, teve o maravilhoso exito a que nos habituaram os distinctos *virtuosi*. Lambertini com a sua esmerada e colorida execução, em cada trecho em que se nos apresenta, patenteou-nos todas as variadas bellezas que pullulam no decurso do quintetto. Todos os demais, — e seja-nos permitido accentuar a virtuosidade especialissima de Tavares na trompa, e João Manoel no fagote, — deram o maximum dos seus talentos, e sem basofias de *nacionalismo*, podemos affirmar que em qualquer centro musical, dos melhores e mais ricos de elementos, a execução que agora ouvimos aos nossos patricios seria proclamada de primeira grandeza!

A seguir a grande sonata de Cesar Franck,

para piano e violino, a cargo dos dois eximios concertistas Vianna da Motta e Moreira de Sá, que, com o seu concurso n'este concerto, deram a mais relevante prova de deferencia e consideração para com o grupo componente da Escola de musica de camara. Temos ainda nos ouvidos, e guardaremos por muito tempo, a impressão enorme recebida; a suggestão extrema dos sentidos, que experimentamos no decurso do trecho, é por tal modo profunda que não encontramos palavras que saibam traduzil-a.

Aquelle *allegro* (2.º andamento da sonata) verdadeiro *casse-cou* dos pianistas, na execução plena de brio e calor de Vianna da Motta, e o recitativo, (3.º dito) accentuado com rara expressão e colorido no violino por Moreira de Sá, são duas manifestações simplesmente perfectas da Arte na sua mais forte e elevada expressão, onde não valem nem servem os adjectivos d'encomio, tão malbaratados em tantissimas occasiões.

Como terceiro numero tivemos a magistral sonata op. 111 de Beethoven, a ultima que o colosso da musica escreveu para o piano. N'esta obra, onde parece contemplarmos a alma acrysolada de Beethoven, atravez da sua dupla phase: da revolta contra o mal e injustiça social, e da ternura melancholica com que se resigna perante as condições da vida, tão diversas do que elle sonhára na sua nobilissima aspiração — passa d'um ao outro extremo um sopro genial sublime, e as exigencias de se traduzir na execução um tão vasto e complexo plano, só podem ser attingidas por um artista em immediata communidade com a grandeza de espirito do extraordinario compositor. Com estas palavras, em que mal significamos e exprimimos qual a portentosa execução de Vianna da Motta, procuramos dar a summula da nossa admiração e entusiasmo pelo grande artista.

Fechava o concerto o magestoso quintetto de Mendelssohn, op. 87, para 2 violinos, 2 violas e violoncello. A execução d'este numero, completa novidade para Lisboa, foi primorosa, sobretudo os 2.º e 3.º tempos — *andante scherzando* e *adagio e lento*. Coube ella aos srs. Benetó e Mackee (violinos), Lamas e M. Ferreira (violetas), e D. Luiz da Cunha (violoncello).

Este numero, que foi ruidosamente applaudido, como de resto o foram todos os outros, vamos ouvir de novo, brevemente, no 9.º e ultimo concerto da Escola, d'este anno.

Escapava nos accrescentar que Vianna da Motta, para corresponder á intensidade e calor dos applausos, depois de findar a sonata de Beethoven, ainda nos tocou a me-

lodia de Schubert-Liszt — *Le Ruisseau* — uma perola do seu tão rico escriptorio.

O concerto durou cerca de trez horas, que pareceram deslizar com a velocidade de poucos minutos. A impressão geral foi tão imponente e grandiosa, quanto expansiva nas manifestações exuberantes com que se affirmou, no decurso d'esta bella e inolvidavel sessão.

B.

Em casa da sr.<sup>a</sup> condessa de Proença-a-Velha teve logar uma bella *matinée* musical a 7 de junho, toda consagrada ás obras do grande compositor francez Jules Massenet; na qual se ouviram pela primeira vez o duo dos 2 anjos, da mais recente producção do auctor: *Le Jongleur de Notre Dame*, bem como a *suite: Chansons des bois d'Amaranthe*, para soprano, contralto, tenor e barytono, sendo este ultimo o illustre artista da passada epocha de S. Carlos, Ferrucio Corradetti, que cantou ainda a romanza da *Herodiade*.

Os outros executantes da *matinée* foram as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> condessa de Proença-a-Velha, D. Leonor Marques da Costa, D. Maria Pia Castello Branco, D. Bertha Marques Costa Lupi, D. Maria Meyrellés de Canto e Castro e D. Maria de Jesus da Camara e o tenor amador Alberto Macieira, e no programma estavam representadas em grande numero as mais festejadas partituras e oratorias de Massenet.

No domingo, 8, teve logar no Conservatorio uma sessão solemne promovida pelo conselho da arte dramatica, afim de comemorar o quarto centenario de Gil Vicente, glorioso autor dos primitivos *autos* e fundador do *theatro* portuguez.

Constou esta sympathica festa de conferencias, recitações e leituras, em que se puzeram em relevo as diversas feições da obra vicentina, cabendo tambem no programma uma larga parte á arte musical, que era representada por alguns trabalhos portuguezes de auctores na sua maior parte contemporaneos. O unico trecho mesmo que não pertencia a esta cathogoria era um difficil *villancico* de Antonio Marques Lesbio (1639—1709) escripto a 5 vozes e executado por outros tantos grupos de alumnas do Conservatorio, sob a proficiente direcção do maestro Guilherme Ribeiro.

A orchestra da Real Academia de Amadores de Musica desempenhou a parte instrumental do programma e foi, como de costume, conduzida pelo maestro Goffi.

M.

Em casa do distincto musico e convicto

vulgarisador e propagandista musical José Ferreira Braga teve logar na noute de 10 de Junho uma interessante e variada sessão de musica, na qual se fizeram ouvir uma soprano de merito, a sr.<sup>a</sup> D. Virginia Mello e Castro Moreira, diversos trechos para orgão, entre elles *Meditation* sobre a *Arlesienne* de Bizet, pelo sr. Ferreira Braga, que toca proficientemente quatro ou cinco instrumentos, trechos concertantes para 2 violinos, piano e orgão, um andamento da sonata *Clair de lune* de Beethoven pela sr.<sup>a</sup> D. Virginia Moreira, trechos de piano por M.<sup>elle</sup> Mattos Cordeiro, dois numeros de violoncello pelo illustre executante José Henrique dos Santos, tão habil n'este instrumento quanto o é na flauta, arias húngaras de Tirindelli, para violino pelo sr. Julio Cardona, e ainda uma phantasia para bandolim por M.<sup>elle</sup> Lydia Rangel dos Santos, acompanhada a piano.

Os executantes de tão variado e selecto programma eram as sr.<sup>as</sup> D. Virginia Moreira (canto e piano) D. Lydia Rangel (bandolim), M.<sup>elle</sup> Mattos Cordeiro (piano) e os srs. Cardona e Roman Navarro (violinos), J. Henrique dos Santos (violoncello), Mattos Cordeiro e Hernani Torres (piano) Ferreira Braga (orgão).

Os convidados de tão interessante sessão de musica retiraram-se penhorados com a amabilidade do nosso illustre amigo José Ferreira Braga, que soubera proporcionar-lhes algumas horas de excellentissima e perfeitamente executada.

Na noite de 11 do corrente teve logar o centesimo concerto realisado pela Real Academia de amadores de musica, na vasta sala Portugal da Sociedade de Geographia, bizarramente cedida para que podesse conter a enorme concorrência, não inferior a quatro mil pessoas, que por completo a enchiam.

O programma era selecto e foi escrupulosamente executado, tanto pela orchestra, augmentada de muito n'este concerto, e que se compunha de cem figuras aproximadamente, como pelos solistas: as sr.<sup>as</sup> D. Luiza e Esther Coelho de Campos, Madame Nadina Bulicioff e seu marido o distincto baixo portuguez Innocencio Caldeira.

A grandiosa orchestra executou muito bem a abertura *Cleopatra*, de Luiz Mancinelli, a encantadora *suite da Arlesienne*, de Bizet—especialmente o *minuetto* com o solo de flauta, esplendidamente acompanhado pelas duas harpas, d'uma precisão rhythmica que pareciam uma só.—e ainda as *Czarpas*, de Gung'l. Alem d'estes o acompanhamento da *fantasia militar* de Leonard, para

violino, em que a sr.<sup>a</sup> D. Luiza Coelho Campos confirmou a magnifica impressão que nos deixara n'este trecho, na primeira das sessões d'alumnos da Academia, a 28 de Maio, e o do *capricho concerto* de Mendelssohn, executado no piano pela sr.<sup>a</sup> D. Esther Campos, irmã mais velha da talentosa violinista.

Os alumnos dos 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> annos e curso superior de violino tocaram, em numero de desoito, o interessante *estudo de concerto* de Monasterio, agradando pela egualdade de som e colorido.

O maximo interesse do concerto foi porém o concurso da illustre cantora Bulciovff, que cantou muitissimo bem duas melodias de Gounod, *Le Soir* e *Printemps*, a habanera da *Carmen* e *Boujour Suzon*, canzonetta de L. Denza, e ainda mais — pela grande curiosidade que despertava — o do sr. Innocencio Caldeira, que nunca se fizera ouvir em Lisboa, e que dispõe de voz agradavelmente timbrada, posto que não de extraordinario volume, mas que canta com muito gosto e sentimento, phraseia nitidamente e exprime com adoravel clareza qualquer dos multiplos aspectos das phrases melodicas. Tanto na romanza do *Simão Bocanegra*, onde mostrou que attingia sem esforço as notas graves do registro de baixo, como na melodia de Schumann — *A lei*, e no *stornello* de Siracusa — *Bella Signora*, teve largo ensejo de se nos afirmar como cantor e *diseur* excellente. dos melhores que temos ouvido na especialidade de musica de camara.

Os trechos de canto foram optimamente acompanhados pela eximia pianista D. Ernestina Freixo, que n'essa especialidade não tem quem se lhe avante.

B.

\*

Na proxima semana, depois da publicação do presente numero, terá logar o 9.<sup>o</sup> e ultimo concerto da 1.<sup>a</sup> serie da Escola de Musica de Camara.

O programma que podemos dar desde já é composto do quartetto, op. 18, n.<sup>o</sup> 4 de Beethoven, para 2 violinos, violetta e violoncello; da sonata em sol, op. 11, de Mozart — piana e violino — pelos srs. Lambertini e Mackee; e da repetição do quintetto, op. 87, de Mendelssohn, que com tamanho exito e agrado se executou a primeira vez no concerto 8.<sup>o</sup>, de 1 de junho.

O quartetto de Beethoven terá por interpretes Benetó e Miguel Ferreira, Lamas e D. Luiz da Cunha. O quintetto de Mendelssohn, os mesmos da primeira audição: Benetó e Mackee, Lamas e Miguel Ferreira, e D. Luiz da Cunha.

B.

## GALERIA DOS NOSSOS

José Henrique dos Santos



Poucos como elle podem gabar se de que ao apparecer, despontando com o seu duplo curso laureado de flauta e violoncello, fizesse convergir sobre si a attenção geral, e que, logo apoz as suas primeiras manifestações de merito, se impozesse como uma verdadeira e positiva vocação musical.

Tão ilhano e modesto, quanto estudioso e intelligente, possuindo o sacro fogo que anima e inspira os grandes cultores de musica, José Henrique dos Santos é sem duvida uma individualidade das mais marcadas no nosso meio artistico!

Por tendencia natural dedicou-se principalmente á flauta, instrumento que toca de preferencia, com o qual occupa o primeiro posto nas orquestras portuguezas. Mas a sua tecnica e applicação no violoncello não soffre com aquella preferencia, e assim, das poucas vezes que o temos ouvido n'este ultimo instrumento, ficámos persuadidos de que, se acaso se lhe dedicasse com o amor que consagra á flauta, a arte nacional contaria mais um notabilissimo virtuoso.

Alem das suas raras qualidades de executante é tambem compositor proficiente e inspirado, e embora muito novo, o cathalogo das suas composições de musica sacra e de camara, é já elevado e valioso.

E por sobre estas qualidades tão brilhantes, realçadas com uma modestia tão grande, senão maior, do seu merito, junte-se ainda o mais diamantino character, o espirito mais bondoso, sereno e alegre, como todos aquelles que sentem a satisfação intima e a consciencia do emprego da sua larga actividade. E se ainda houver alguém que não se sinta attrahido para elle, bem como despertar-lhe a sympathia a mais viva e instantanea por tão bello rapaz e valioso artista, então, forçoso será acreditar-mos que esse — se existe — ou é um misantropo, ou um revoltado contra todas as manifestações da bondade, do talento e do trabalho!

COLLINE.



## Vianna da Motta e os pianos de Bechstein

Damos em seguida a opinião do grande pianista portuguez sobre os pianos que exclusivamente emprega nos seus concertos e que o publico lisbonense teve occasião de apreciar no brilhante specimen que a casa Lambertini poz á disposição de Vianna da Motta, durante a sua permanencia entre nós.

O documento que temos á vista, escripto pelo proprio punho do notavel concertista, é do seguinte theor:

«Os pianos de Bechstein satisfazem a todas as exigencias artisticas. O mechanismo é de uma grande solidez, de uma precisão perfeita na repetição e leveza agradavel ao executante. Mas é sobretudo pelas qualidades do som que os pianos de Bechstein se distinguem.

Sendo susceptiveis do maior brilhantismo, possuem ao mesmo tempo uma suavidade de velludo, podendo-se assim modular e graduar o som em todas as côres desejadas.

É preciso emfim notar a perfeita egualdade em todos os registros, tanto emquanto á força como ao character do som. O piano de Bechstein faz lembrar o órgão e a orchestra e parece-me ser o mais perfeito que existe.

a) *José Vianna da Motta*».



## NOVOS JORNAES MUSICAES

Foi nos gentilmente enviado o primeiro numero de um quinzenario artistico, que sob o titulo de *Revista Musical* se está publicando no Porto.

Pareceu-nos muito interessante este primeiro numero, que a par das indispensaveis noticias e chronicas, apresenta um escorço biographico de Alfredo Keil, com retrato, e dois interessantes artigos sobre *A forma em Arte* e o *Theatro da Elite e seu futuro*.

Agradecendo a troca tão amavelmente proposta, fazemos sinceros votos pela longa vida e prosperidades do novo collega.

\*

Consta-nos que já foram publicados os dois primeiros numeros da *Revista do Conservatorio*, a que em tempos alludimos.

Não lhe recebemos porém ainda a visita, o que não podemos attribuir senão a um extranhavel esquecimento da respectiva Administração.



### Do paiz

Da Direcção da Associação dos Jornalistas de Lisboa, recebemos uma bem elaborada circular, em que, procurando combater com louvavel esforço o terrivel cancro do analfabetismo no nosso paiz, se apresenta um desenvolvido questionario representado por doze quesitos. Peza nos que a estreiteza de espaço do nosso quinzenario nos iniba de occupar-nos do assumpto, tão grave e momentoso, com a attenção que o caso requeria, e que tanto nos aprouvera dispensar-lhe. Registrando portanto, de passagem, nas columnas da «Arte Musical», o assumpto da circular, agradecemos penhorados a distincção que nos foi concedida, e á qual não correspondemos melhor pelas circumstancias adduzidas.

Falla-se na organisação de uma grande orchestra de concertos, por iniciativa do nosso Conservatorio.

Esta orchestra seria composta de professores e alumnos d'este estabelecimento escolar, com a coadjuvação de outros elementos escolhidos entre os melhores artistas profissionaes.

Se assim é, folgamos de vêr que a idéa que tantas vezes aqui aventamos, vae ser finalmente posta em pratica. Uma serie annual de seis concertos, em condições favoraveis de preço e com repertorio bem escolhido e bem executado, é dos meios que reputamos mais salutaes para elevar o nivel moral do nosso musico e para fazer a tão necessaria educação artistica do publico.

Como ampliação da noticia que demos já no nosso numero de 15 de maio, ácerca de escripturas effectuadas pelo empresario do nosso theatro de S. Carlos para a proxima epocha, temos a accrescentar mais as seguintes:

Soprano dramatico, Amalia Pinto. Meiosoprano, Annita Torretta. Tenor dramatico, Orazio Cosentini. Barytono, Eugenio Giraltoni. Baixo, V. Volponi.

D'estes conhecemos a boa reputação e successos alcançados pela dama Amalia

Pinto, tenor Cosentini e barytono Giraltoni. Este ultimo foi o creador do Scarpia na estreia da «Tosca» em Roma, na primavera de 1900.

Os alumnos do 2.º anno da Escola Normal do Porto, por occasião da partida do seu illustre director e professor Bernardo Moreira de Sá, para Lisboa, onde embarcava para o Brasil, fizeram-lhe a grata surpresa de engalanar e ornar esplendidamente a sala do seu curso, collocando sob um docel artisticamente disposto o retrato a oleo de Moreira de Sá.

No momento em que este, bastante commovido, assomou á sua cadeira foi-lhe lida uma mensagem pelo alumno Graça, finda a qual se descerrou o retrato, ao som d'uma nutrida salva de palmas e aclamações festivas.

A mensagem foi-lhe depois entregue dentro d'uma riquissima pasta de seda primorosamente bordada por outra alumna da Escola.

Folgamos com os testemunhos de elevado apreço tributados á sympathica personalidade de Moreira de Sá.

### Do estrangeiro

Temos á vista o programma do concerto annual da «Scola Cantorum», esco'a superior de musica fundada ha oito annos em Paris pelos illustres e reputados compositores francezes Alexandre Guilmant, Vincent d'Indy e Carlos Bordes. O concerto de agora, realisado na tarde de 22 de maio findo, comportava onze numeros. de orchestra, solos e côros, de canto, trechos de piano, violoncello e órgão, e um trio de V. d'Indy para clarinete, violoncello e piano. Todas as peças executadas eram exclusivamente originaes dos tres fundadores da «Scola Cantorum», sendo tres de Guilmant, cinco de d'Indy e tres de Bordes.

O director do concerto foi o nosso illustre compatriota Francisco de Lacerda, professor do curso vocal «d'ensemble» na «Scola Cantorum», e o successo, a julgarmos pela opinião dos jornaes parisienses, foi o mais assinalado.

Folgamos deveras com a noticia, que nos vem confirmar o excellente conceito que actualmente disfructa em tão elevado meio artistico o Sr. Lacerda, cujos meritos e estudo perseverante souberam conquistar-lhe uma honrosa posição, em que elle e o paiz triumpham igualmente.

Recebemos por carta do nosso excelente

amigo Joaquim Ferreira da Silva, actualmente estudando no Conservatorio de Leipzig, curiosas e interessantissimas noticias com respeito ao movimento musical nos paizes do norte da Europa.

Extrahimos da carta do sr. Ferreira da Silva as seguintes notas para a historia da musica actual:

Representou-se agora em Vienna, pela primeira vez, em lingua allemã, «Peer Gint», de Ibsen, com a musica do grande compositor Grieg.

O maestro Unsperrdinck, auctor da reputada opera «Hansel e Gretel», acaba de escrever uma outra, que será cantada pela primeira vez na Opera Real de Berlim na proxima epocha.

O famoso violinista Wilhelmy adquiriu ha pouco em Londres um violino autentico de Guarnerius del Gesu, do anno de 1737, pela bonita somma de quarenta mil marcos (nove contos da nossa moeda). E' o mais elevado preço a que até agora attingiu a venda d'um d'esses preciosos e raros instrumentos. Anteriormente, o preço maximo fôra de vinte mil marcos, precisamente metade da somma que Wilhelmy acaba de dispendir.

Nas festas commemorativas do grandioso monumento erigido em Weimar a Liszt, tem havido grandiosas festas musicas. nas quaes se teem executado as principaes composições do grande musico. Sophia Menter, a celebre pianista austriaca, tomou parte n'um dos concertos.

Em Varsóvia pensa-se em erigir um monumento ao grande Frederico Chopin, achando-se escolhido já o terreno onde será construido.

Paderewsky compõe actualmente uma nova opera.

O fallecido compositor allemão Rheinberger deixou incompleta uma missa em *lá menor* para côros e órgão, que um dos seus melhores discipulos, Coerne, de Boston, se propõe a terminar, devendo ser editada, de seguida, pela casa Lenckart. Essa missa constituirá a 197 op. de Rheinberger.

Na Hollanda formou-se uma sociedade Mozartiana, que se propõe interpretar e divulgar as obras symphonicas de Wolfgang Mozart.

Finalmente, em Leipzig, na sala do Conservatorio, teve lugar um concerto em que se executaram a abertura «Jubel», de Weber, um concerto para violino, de H. Sitt, por uma joven e talentosa discipula do auctor e aria das «Nupcias de Figaro», cantada por uma «prima-donna», que não logrou agradar ao nosso intelligente informador.